

## Dois tipos de nazismo: o caso de Santa Catarina

### *Two types of nazism: the case of Santa Catarina*

João Gabriel de Souza Paz<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo propõe uma análise e subsequente comparação entre duas manifestações do nazismo na história do estado de Santa Catarina: sua existência como partido político em meados do século XX, e sua recente ascensão na forma de grupos neonazistas no século XXI. Baseando-se em documentários, reportagens, e bibliografia especializada, o artigo apresenta possibilidades acerca das motivações dos adeptos da ideologia nazista, buscando expor a diferença entre ambas manifestações citadas, e entender as transformações do nazismo na história recente do Brasil.

**Palavras-chave:** Nazismo; Neonazismo; Santa Catarina.

**Abstract/Resumen:** The article proposes an analysis and following comparison between two manifestations of Nazism in the history of the state of Santa Catarina: its existence as a political party in the mid-20th century, and its recent rise in the form of neonazi groups in the 21st century. Based on documentaries, news reports, and specialized bibliography, the article presents possibilities around the motivations of the adepts of the nazi ideology, looking to expose the differences between both mentioned manifestations, and to understand the transformations of Nazism in the recent history of Brazil.

**Key-words:** Nazism; Neonazism; Santa Catarina.

## Introdução

Na semana da vitória de Lula nas Eleições Presidenciais de 2022, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) informou ao G1 que haviam sido enviadas cartas ao Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da Universidade<sup>2</sup>. O conteúdo delas? Uma ameaça direta à gays, negros, asiáticos, feministas, e pessoas gordas. As cartas pontuavam: “Bolsonaro vai ganhar novamente e vai ser o fim de vocês nas federais. A gente está cada vez maior, a gente está ao seu lado, na sua frente. A polícia não nos intimida”. E o autor assina com “SS”, provavelmente uma referência à Polícia do Estado na Alemanha nazista, que usava a mesma sigla, a notícia aponta.

<sup>1</sup> Graduando em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: joaogabrielsouzapaz@gmail.com.

<sup>2</sup> DIAS, Pâmela. UFSC recebe carta com ameaça nazista assinada pela 'SS': 'Iremos destruir todos vocês'. O Globo. 04/11/2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/11/ufsc-entrega-a-policia-carta-de-cunho-nazista-e-racista-contra-gays-negros-feministas-e-amarelos-iremos-destruir-todos-voces.ghtml>

Para a população local, já alarmada pela notícia da prisão de cinco grupos neonazistas na região<sup>3</sup>, as cartas serviram o propósito intencional de alarmar a comunidade acadêmica, mas não foram um incidente isolado. Diversas manifestações similares vêm acontecendo no Brasil, especialmente em Santa Catarina. Pode-se supor, ao saber disso, que a presença da imigração alemã no território de Santa Catarina, acompanhada de uma forte presença do Partido Nazista no estado em meados do século XX (Seyferth, 2007, p. 107), causa essas manifestações. Apesar de não estar totalmente incorreta, essa associação talvez não seja tão direta quanto parece.

Neste artigo, proponho descrever ambas as formas do nazismo que estão presentes na história de Santa Catarina, com ênfase nas ideologias que moviam e movem parcelas da população a compactuar com tais ideias. Através de artigos acadêmicos, documentários e matérias jornalísticas, procuro aqui caracterizar e expor diferenças ideológicas fundamentais entre ambas as expressões da ideologia nazista nesse estado.

Me fundamentei principalmente nos estudos de Ana Maria Dietrich (2007) e René E. Gertz (1996) para tratar do nazismo como partido no século XX, e de Adriana Magalhães Lopes Dias (2007) e Wallace Allan Blois Lopes (2016), para tratar do neonazismo no século XXI, por terem se mostrado os mais completos em relação a ambos os temas, principalmente em relação a possibilidade de formar uma cronologia e fazer sentido dos fatos narrados. Busquei ainda trazer outras bibliografias a fim de corroborar os fatos sobre o tema. Utilizei também uma entrevista do professor João Klug ao portal Catarinas<sup>4</sup>, no contexto das manifestações aqui analisadas. Sobre a análise de publicações jornalísticas, foram selecionadas ocorrências pontuais, com foco nas mais recentes em relação ao tema, com o recorte geográfico necessário, ainda que busque ressaltar ao longo do texto que elas não são isoladas no contexto nacional. Os documentários foram selecionados com base no que parece mais pertinente em relação ao tema focalizado pelo artigo: a ideologia. Busco ressaltar ao longo do texto as possíveis falhas e interpretações que podem vir desse tipo de fonte.

## A presença alemã

Na época da ascensão do partido nazista na Alemanha, a imigração alemã no Brasil já estava na sua terceira geração, remontando a uma onda inicial no século XIX. Em meados

<sup>3</sup> BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS. Polícia prende grupo de neonazistas em, pelo menos, cinco cidades de SC. YouTube, 22 out. 2022. 3min2s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmoLycT9BS4>

<sup>4</sup> KLUG, João. Historiador explica por que Santa Catarina tem tantos grupos neonazistas. Entrevista concedida a Fernanda Pessoa. Catarinas. 5 mai. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/historiador-explica-por-que-santa-catarina-tem-tantos-grupos-neonazistas/>

dos anos 1930, a população alemã e descendente contava com mais de um milhão de pessoas, sendo essa população concentrada principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, com cerca de 20% da população total de ambos estados sendo de alemães e descendentes (Gertz, 1996, p. 87). Essas pessoas viviam, em grande parte, em comunidades rurais isoladas, formadas inteiramente por imigrantes alemães e seus descendentes. Era falado o idioma alemão, e não havia contato profundo com outras culturas, numa forte manifestação do chamado “germanismo” (Dietrich, 2007, p. 153). Além destas características, esses grupos contavam com instituições (culturais, econômicas, esportivas) que favoreciam a formação de uma identidade teuto-brasileira, principalmente no meio urbano (Gertz, 1996, p. 90).

Apesar do preconceito com os teuto-brasileiros, que eram vistos como menos puros pela Alemanha (Seyferth, 1993, p. 9), o Brasil recebeu naquela década cerca de 87.000 imigrantes alemães, o que significava 87.000 potenciais ingressantes de um partido Nazista, cerca de 11.000 dos quais viviam em Santa Catarina até o fim da década (Dietrich, 2007, p. 156).

As tentativas de conservar a cultura de origem, permitiram que se desenvolvesse uma identidade própria aos imigrantes (o que se aplica também a imigrantes de outras nacionalidades, como italianos e poloneses). Essa identidade, segundo Seyferth, se pauta não somente num sentimento de lealdade para com a Alemanha, mas também na oposição aos brasileiros natos, e no sentimento de resistência à perda da cultura de origem (Seyferth, 2012, p. 18-19). Assim, forma-se uma identidade resultante do conflito entre a permanência do passado e a resistência contra a nacionalização (Seyferth, 2012, p. 23). A manutenção da germanidade se deu de maneira mais intensa em determinadas regiões, no caso de Santa Catarina, um dos maiores focos foi o Vale do Itajaí, onde essa manutenção ainda hoje é fortemente presente (Seyferth, 2012, p. 17).

## **O Partido Nazista no Brasil**

A primeira sessão oficial do Partido Nazista no Brasil, foi fundada em Timbó, na região de Blumenau, em 1928 (Dietrich, 2007, p. 170). Apesar da potencialidade citada, em termos numéricos, o Partido Nazista encontrou pouca adesão no Brasil, chegando à máxima de 2.903 filiados, a maioria estando nos estados de São Paulo e Santa Catarina. Entretanto, Santa Catarina representava uma maior concentração em relação à população alemã total. São Paulo contava com 785 filiados, de uma população de 33.397 de alemães natos; enquanto Santa Catarina tinha 528 filiados, com uma população de 11.291 alemães natos (Dietrich,

2007, p. 159). Ou seja, 4,6% da população alemã em Santa Catarina era filiada ao partido nazista, enquanto 2,3% da população alemã de São Paulo era filiada.

Apesar da baixa adesão ao partido, o Brasil representou a maior concentração nazista fora da Alemanha (Dietrich, 2007, p. 119). Em Santa Catarina, o estado de maior concentração em proporção à população nascida na Alemanha, a maior parte dos filiados habitava o Vale do Itajaí. O partido não se difundiu em larga escala para o oeste e o sul do estado, ao menos não de forma oficial (Zanelatto, 2011, p. 3).

Os adeptos do partido se concentravam principalmente no meio urbano empresarial, e parte das camadas médias, porém sua difusão para fins de propaganda chegou a vários setores da sociedade, principalmente em escolas alemãs, mas também em igrejas, clubes, etc. (Dietrich, 2007, p. 135).

Uma dificuldade aparentemente comum entre os historiadores do tema, é a questão ideológica acerca dos nazistas catarinenses na época de atividade do partido nazista (1928-1938). É impossível precisar qual o processo de pensamento de cada pessoa que adentrava o partido ou simpatizava com ele, mas existem em geral duas características, bastante indivisíveis: questão identitária e ideologia supremacista. A questão identitária, baseada na pureza sanguínea, é impossível descartar, visto que somente aos alemães natos era permitida a entrada no partido, e para muitos destes, o motivo da adesão se limitava a uma identificação com a figura de Hitler e/ou com a germanidade, junto com um descontentamento recente com a República de Weimar (visto que muitos dos ingressantes no partido tinham vindo da Alemanha ainda na década de 1920), que Hitler prometera reerguer; e já havia esforços na Alemanha para que isso acontecesse (Dietrich, 2007, p. 170).

A questão da supremacia é difícil de precisar, mas sabe-se que o racismo, para com os brasileiros no geral, era bastante difundido entre essas comunidades, devido ao caráter “mestiço” de boa parte da população (Dietrich, 2007, p. 195). Além disso, os próprios teuto-brasileiros eram vistos como inferiores pelos alemães natos. Existiram, de fato, expressões da ideia de superioridade racial alemã entre os nazistas do Brasil, ideia essa que se expressava mais em relação ao caráter mestiço de grande parte da população brasileira do que com a própria população judaica, que era o principal alvo do discurso nazista alemão. Porém, é difícil saber até que ponto era essa ideia que os fazia se identificar com o nazismo. Sobre isso, tende-se a associar o nazismo ao crescimento da eugenia no Brasil. Embora essas ideias tenham ascendido na mesma época, as confluências ideológicas raciais entre o nazismo e a eugenia eram poucas (Stepan, 2004, p. 366); visto que o primeiro apresentava uma ideia de oposição ao brasileiro nato (baseada na superioridade alemã), enquanto a segunda defendia,

majoritariamente, o assimilacionismo racial para o desenvolvimento social, visando melhorar as características da população, sendo menos radical do que o nazismo no aspecto higienista racial. A ascensão do nazismo na Alemanha de fato influenciou o crescimento da eugenio no Brasil, com eugenistas brasileiros adotando a ideia de que seria função do Estado manter a supremacia da raça considerada superior, como era o caso da Alemanha nazista (Souza, 2012, p. 17). Porém, a ideologia eugenista já era presente na Europa e nos Estados Unidos, partindo de autores não-alemães, antes mesmo da ascensão do nazismo (Souza, 2012, p. 2-3).

Há outra possibilidade, mais afastada das outras: ganho social, econômico ou político. Essa ideia é expressada por René Gertz, que defende que muitos ingressavam no partido por pressão que empresas alemãs no Brasil exerciam sobre os trabalhadores (Gertz, 1996, p. 89). Também é possível a adesão de parte dessas pessoas visando obter contatos, e pertencer aos mesmos ciclos que certos indivíduos que consideravam ser de seu interesse, mas também é difícil ter alguma precisão sobre essas possibilidades.

Outro aspecto que coloca em dúvida a adesão ao nazismo, em sua forma ideológica original, é a ideia de que muitos descendentes (visto que lhes era proibida a entrada no partido em si) acabavam entrando para a Ação Integralista Brasileira (AIB), que também tinha ideias autoritárias (de inspiração fascista inclusive), mas que não era bem-vista pela Alemanha, devido ao caráter ultra-nacionalista brasileiro, que por natureza se opunha ao ultra-nacionalismo alemão (Dietrich, 2007, p. 207).

Vale destacar também que o próprio Adolf Hitler havia ordenado que os nazistas fora da Alemanha não interviessem na política local (Dietrich, 2007, p. 206). Ou seja, os que ingressavam no partido não o faziam necessariamente por uma vontade de criar mudanças na política. Por isso, a questão da identificação com o Estado alemão e o sentimento de germanidade são tão importantes de se considerar, visto que parece ser o que movia a maior parte das pessoas que aderiam ao partido.

Também deve-se considerar que o fato de a maior parte dessa população não ter ingressado no partido, não significa que essa parcela se opunha a ele, sendo essa outra coisa impossível de determinar: até onde ia a identificação dos não-ingressantes com o nazismo, ou mesmo com a própria germanidade.

Nesse âmbito, sabemos que a oposição, apesar de não ser universal entre os não-ingressantes, era expressiva: uma parte da população alemã e descendente se opunha à “regermanização” proposta pelo nazismo, que muitos inclusive viam de maneira negativa por ser um partido estrangeiro (Gertz, 1996, p. 104). De fato, os números citados anteriormente

mostram que a identificação direta com o partido não foi nem de longe universal entre os imigrantes, pelo contrário, ela foi bastante limitada.

Sobre isso, podemos concluir que o pensamento teuto-brasileiro sobre o nazismo não era nada uniforme. Não se pode determinar com certeza o que movia cada pessoa a aderir ao nazismo, mas duas coisas eram prevalentes: a identificação com a identidade alemã apresentada pelo nazismo é um elemento que era quase certamente o que movia a maior parte dessas pessoas; e o sentimento de superioridade racial em relação ao brasileiro, que não necessariamente era universal, mas provavelmente existia analogamente ao sentimento de germanidade.

## A ascensão do neonazismo

Assim como todos os partidos políticos da época, o Partido Nazista brasileiro foi banido por Getúlio Vargas em 1938. No contexto da Segunda Guerra (1939-1945), após a entrada do Brasil no lado dos Aliados, foram proibidas a fala do alemão, do italiano e do japonês. Houve ainda, no governo Vargas, um grande esforço por parte do governo para nacionalizar os imigrantes, especialmente as comunidades isoladas (Dietrich, 2007, p. 225, 284 e 300). O nazismo no Brasil, na sua forma partidária original, desapareceu após a proibição. Porém, ele tem ressurgido nos últimos anos, em uma forma diferente.

É difícil estabelecer a origem das ideias neonazistas no Brasil ou no estado de Santa Catarina especificamente. Sabe-se que nos anos 1980, a aparição de grupos *skinheads*, é provavelmente o que inicia o resgate ao nazismo no Brasil, no estado de São Paulo. No Sul do Brasil, chegaram ramos do movimento *White Power*, surgido em 1989, também em São Paulo (Lopes, 2016, p. 53).

Sobre Santa Catarina, surge uma série de movimentos mais discretos. Várias notícias em anos recentes alarmaram a população sobre o assunto. Entre elas está a descoberta de 63 células neonazistas em Blumenau<sup>5</sup>, a de uma Suástica desenhada no fundo de uma piscina na casa de um professor aposentado em Pomerode, no Vale do Itajaí<sup>6</sup>, seguida pelas cartas na UFSC. Nota-se que essas notícias se concentram na região norte do estado, do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis, similar ao nazismo partidário do século anterior.

<sup>5</sup> NINJA. Com 365 mil habitantes, Blumenau (SC) tem 63 células neonazistas, aponta estudo enviado à ONU. Mídia Ninja. 9 abr. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/com-365-mil-habitantes-blumenau-sc-tem-63-celulas-neonazistas-aponta-estudo-enviado-a-onu/>.

<sup>6</sup> MAYER, Sofia. Símbolo nazista em piscina de professor volta a ser investigado pelo MPSC. G1 SC/NSCTV. 17/07/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/07/17/piscina-com-simbolo-nazista-de-professor-volta-a-ser-investigada-pelo-mpsc.ghtml>.

Elas serviram o propósito de alarmar a população até certo ponto, mas pouco fazem quando se trata de contexto histórico e análises mais profundas sobre o tema, em geral reduzem a explicação ao fato de se encontrarem em regiões de concentração da imigração alemã nos últimos séculos, quando o fazem. Essa abordagem pouco faz quanto à conscientização, visto que esses grupos tendem a ser agressivos. Em geral, o discurso de ódio deles é direcionado a populações minorizadas, especialmente a negros, asiáticos, indígenas, judeus, população LGBTQIAPN+, e outros grupos marginalizados (Lopes, 2016, p. 53).

A questão ideológica, assim como o motivo para um crescimento tão vertiginoso, são alvos de debate envolvendo pesquisadores e pessoas interessadas, nos quais entram questões históricas, de memória, negacionismo, e outros aspectos que tornam a discussão bastante complicada.

Nos documentários *Anauê! O Integralismo e o nazismo na região de Blumenau*<sup>7</sup> e *Uma história de silêncios: a banalização do nazismo em cidades do interior de Santa Catarina*<sup>8</sup>, vemos depoimentos de pessoas locais, da região de Blumenau em ambos os casos, que por vezes tentam banalizar a história nazista da região, e até a dispensam com frases como “não temos tempo para isso”, e “aconteceu, mas já foi” (Spessatto; Leites; Matos, 2023, 10min).

Há um esforço por parte dessas pessoas de manter esse passado em silêncio, provavelmente por reconhecerem o quanto absurdo ele é, e o quanto ele ainda se faz presente. Também no documentário *Anauê*, pessoas que viveram na região na época do partido nazista, fazem comentários dizendo que o holocausto não foi tão ruim quanto se pensa (Azevedo, 2017, 1h32min). O negacionismo demonstrado nesses documentários não chega ao ponto de negar a existência do Holocausto, mas são trazidas as ideias de que ele não foi o que se pensa ser, e de que a sociedade alemã fora dos campos de concentração não fazia ideia de que havia algo atroz acontecendo (Azevedo, 2017, 1h29min40s). Ainda em *Anauê*, os professores universitários que trazem perspectivas acadêmicas sobre o tema. afirmam o contrário, inclusive que seria impossível não notar que várias pessoas desapareciam na Alemanha durante o regime nazista (Azevedo, 2017, 1h31min).

As pessoas que fazem afirmações apologéticas do Holocausto no documentário não aprofundam muito seu argumento, mas as poucas falas refletem o apagamento e tentativa de

<sup>7</sup> ANAUÊ! O Integralismo e o nazismo na região de Blumenau. Direção: Zeca Nunes Pires. Produção: Maria Emilia de Azevedo. Brasil: Mundo Imaginário Produções Cinematográficas. 1h46min56s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srcitNSPxgQ&t=1553s>

<sup>8</sup> UMA história de silêncios: a banalização do nazismo em cidades do interior de Santa Catarina. Direção e produção: Clara Spessatto, Isis Leites e Júlia Matos. Brasil: Instituto Vladimir Herzog. 26 out. 2023. 15min33s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=opJSmR-yxfA>

amenização que essa parte da história alemã sofre, inclusive entre os descendentes de alemães no Vale do Itajaí, onde o sentimento de germanidade é tão forte. Essas falas parecem uma tentativa de atenuar a má reputação que a Alemanha tomou por conta do nazismo, e manter a identidade alemã imaculada, em reconhecimento de que os terrores do Holocausto, associados ao nacionalismo alemão, mancham a imagem da pátria-mãe, à qual essas pessoas mantêm um sentimento de lealdade. Nisso, é interessante notar como a própria Alemanha busca preservar a memória do Holocausto (Marini *et al.*, 2023, p. 192), ao contrário do que é expressado aqui. Isso demonstra a desconexão que a germanidade no Brasil tem com a Alemanha atual, visto que esse vínculo se baseia mais em um sentimento de preservação da cultura original, que tem a imigração como mito de origem, no qual os imigrantes são tidos como vítimas que tiveram que abandonar a grande pátria de origem, para se aventurar em novas terras, cercados de pessoas menos desenvolvidas. Nessa lógica, o Holocausto é um demérito a essa grande pátria de origem e a toda cultura baseada nesse sentimento de lealdade. Isso parece compelir essas pessoas a um sentimento de negação, baseado na vontade de praticar essas construções saudosistas sem restrições éticas.

No âmbito dos grupos neonazistas, não é difícil perceber a ideologia que os motiva: a opressão de grupos marginalizados. Esses grupos se baseiam majoritariamente na superioridade masculina-branca-cisgênero-heterossexual. Apesar de serem marcados por divergências de objetivos e ideias (Lopes, 2016, p. 52), essas características parecem comuns a quase todos os grupos e indivíduos; e isso é o que mais se expressa nos fóruns na internet, que funcionam como principal veículo de comunicação entre essas pessoas, e onde Adriana Dias baseia seus estudos (Dias, 2007, p. 25).

Dias apresenta, em sua dissertação de mestrado, diversos esclarecimentos que nos dão uma ideia da ideologia por trás do neonazismo digital. Parte dessa ideologia é emprestada do neonazismo americano, incluindo o que foi dito por David Lane, membro de um grupo neonazista, preso por assassinar um comentarista de rádio judeu, em 1983. A influência de Lane, muito importante no neonazismo mundial, se apresenta como mantra para esses grupos, com ideias subordinadas às “14 palavras de David Lane”, que formam a frase: “Nós devemos assegurar a existência de nossa raça e o futuro das crianças Brancas”, considerada a frase mais emblemática da ideia de supremacia branca atualmente (Dias, 2007, p. 281). Isso se resume na ideia de: por que é errado defendermos e nos orgulharmos da raça branca, se as outras raças podem fazê-lo?

O enviesamento racista nessas questões fica mais visível, quando se nota que elas parecem preocupadas somente com a “pureza” da raça branca, como se ela fosse maculada

por outras raças, tanto por genética quanto por convivência social. A criança branca, nessa visão, é o futuro da sociedade, e o único futuro pelo qual vale a pena lutar (Dias, 2007, p. 166). A preocupação com a procriação aparece também, e é nesse ponto que as mulheres (nesse caso mulheres brancas) são postas como produtoras de filhos, o que assemelha esses movimentos ao crescente movimento *incel* (*involuntary celibate*, ou celibato involuntário), outro movimento crescente no espaço digital, que prega a supremacia masculina (Pinto, 2024, p. 13). Todas essas ideias partem de uma noção de que a raça branca está ameaçada de extinção, e é uma vítima..

Outro elemento presente nas plataformas, é a evocação de figuras e histórias mitológicas, onde são distorcidos elementos dos mitos germânicos, para associá-los a elementos do nazismo. Um dos exemplos citados por Dias, é uma narrativa em que o deus nórdico do trovão, Thor, é atacado pela Serpente de Midgard, e usa o icônico martelo, o Mjollnir, para destruí-la. A partir dessa narrativa, uma pessoa em uma plataforma digital associou o Mjollnir a suástica e à força do Nacional-Socialismo alemão, e a Serpente de Midgard seria o sionismo e os supostos poderio econômico e supremacia judaicos (Dias, 2007, p. 195).

Nota-se que esses grupos distorcem perspectivas históricas sem nenhum critério, a não ser o de afirmar sua superioridade ou de se colocar no lugar de vítimas por serem brancos. O professor aposentado do Departamento de História da UFSC, João Klug, em entrevista ao portal Catarinas, esclareceu que dificilmente esses indivíduos têm conhecimento profundo do que foi o nazismo na história, em sua forma na Alemanha ou mesmo no Brasil. Ao invés disso, costumam usar o discurso nazista, para afirmar sua superioridade sobre outros grupos. Não aparenta haver um desejo significativo de restaurar a política da Alemanha nazista (Klug, 2023). O movimento inclusive não aparenta ser profundamente politizado, no sentido da política partidária tradicional, apesar de frequentemente se mostrar alinhado politicamente aos movimentos de direita, como o bolsonarismo, como mostram as cartas enviadas à UFSC, (além de uma saudação nazista performada em um ato de apoiadores de Bolsonaro, também logo após a vitória de Lula<sup>9</sup>). Trata-se, na realidade, de um movimento supremacista, de cunho violento, que busca a opressão, de todos que considera inferiores — aqueles que não sejam homens cisgênero heterossexuais brancos, preferivelmente de ascendência alemã.

<sup>9</sup> PACHECO, John; SPAUTZ, Dagmara. MP apura saudação nazista feita por bolsonaristas em ato em Santa Catarina. G1/NSCTV. 02 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/02/mp-apura-saudacao-nazista-feita-por-centenas-de-mostrantes-em-ato-em-santa-catarina.ghtml>

Essas fontes demonstram uma certa desconexão ideológica das manifestações recentes em relação ao que era o nazismo partidário da primeira metade do século XX. O que antes era uma ideia nacionalista alemã, demonstrada através de adesão partidária, com viés racial, baseada em uma pretensa superioridade biológica, passa a ser uma ideia de superioridade masculina-branca-cis-heterossexual, em oposição a todas as outras pessoas, que se manifesta em violência física. Apesar de a ideia de germanidade ainda ser resgatada, como é demonstrado por Dias no caso dos mitos nórdicos, ela parece ter tomado o segundo plano, ou sequer ser considerada, em grande parte dos casos.

## Considerações finais

O nazismo em sua forma partidária no século XX não possuía uniformidade ideológica, mas havia padrões possíveis de delinear nos adeptos, como a questão identitária e a ideia de superioridade racial. No nazismo do século XXI, também existem dois padrões possíveis de delinear: a ideia de superioridade racial, de gênero e sexualidade, e o ódio extremo a populações minorizadas. Isso não quer dizer que a questão identitária e a política não estejam presentes no neonazismo, ou que a opressão de minorias não estivesse no nazismo do século XX. Porém, o foco parece ter mudado.

O que antes se tratava de identificação com a figura de Hitler e sentimento de germanismo, aliada a ideia de superioridade racial, se tornou um “lugar seguro” para esses indivíduos se sentirem superiores por questões (também identitárias) majoritariamente biológicas, e exercer o poder que isso supostamente lhes confere para oprimir tudo o que consideram inferior, em uma tentativa violenta de sentir que têm poder, outro aspecto no qual o neonazismo se assemelha ao movimento *incel*.

O aspecto racista indica uma possível resposta do porquê dessa concentração em Santa Catarina, especialmente na região do Vale do Itajaí (região na qual também predominou o nazismo partidário no século XX), onde, como o documentário *Uma História de Silêncios* nota, o racismo com frequência acontece de forma aberta e banalizada (Spessatto; Leites; Matos, 2023, 8min). Isto, aliado a um sentimento germanista remanescente das ondas migratórias, e ao discurso que posiciona Santa Catarina como um estado europeu branco, talvez forme uma hipótese para explicar a concentração dessa ideologia nesse estado, ainda que eu não pretenda responder definitivamente a essa questão tão complexa nesse artigo. Essa hipótese, caso válida, demonstraria como ainda é presente a questão identitária em relação à Alemanha, ainda que não seja o ponto central da ideologia neonazista atual.

Esse lugar que o nazismo tomou na atualidade não torna certo banalizá-lo, nem o torna aceitável de maneira alguma, ou sequer menos perigoso. O nazismo, como toda ideologia, se transforma através de apropriações e novas concepções, e a nova forma dele, que se apresenta no Brasil, com predominância em Santa Catarina, não é menos violenta ou perigosa do que sua forma anterior, ainda que pareça uma caricatura do que foi no século passado.

## Fontes documentais

**ANAUÊ!** O Integralismo e o nazismo na região de Blumenau. Direção: Zeca Nunes Pires. Produção: Maria Emilia de Azevedo. Brasil: Mundo Imaginário Produções Cinematográficas. 1h46min56s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srcitNSPXgQ&t=1553s>. Acesso em: 27 jul. 2024.

**BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS. Polícia prende grupo de neonazistas em, pelo menos, cinco cidades de SC.** YouTube, 22 out. 2022. 3min2s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmoLycT9BS4>. Acesso em: 22 jul. 2024.

**DIAS, Pâmela.** UFSC recebe carta com ameaça nazista assinada pela 'SS': 'Iremos destruir todos vocês'. O Globo. 04/11/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/11/ufsc-entrega-a-policia-carta-de-cunho-nazista-e-racista-contra-gays-negros-feministas-e-amarelos-iremos-destruir-todos-voces.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2024.

**MAYER, Sofia.** Símbolo nazista em piscina de professor volta a ser investigado pelo MPSC. G1 SC/NSCTV. 17/07/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/07/17/piscina-com-simbolo-nazista-de-professor-volta-a-ser-investigada-pelo-mpsc.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2024.

**NINJA.** Com 365 mil habitantes, Blumenau (SC) tem 63 células neonazistas, aponta estudo enviado à ONU. Mídia Ninja. 9 abr. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/com-365-mil-habitantes-blumenau-sc-tem-63-celulas-neonazistas-aponta-estudo-enviado-a-onu/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

**PACHECO, John; SPAUTZ, Daghara.** MP apura saudação nazista feita por bolsonaristas em ato em Santa Catarina. G1/NSCTV. 02 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/02/mp-apura-saudacao-nazista-feita-por-centenas-de-manifestantes-em-ato-em-santa-catarina.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**KLUG, João.** Historiador explica por que Santa Catarina tem tantos grupos neonazistas. Entrevista concedida a Fernanda Pessoa. Catarinas. 5 mai. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/historiador-explica-por-que-santa-catarina-tem-tantos-grupos-neonazistas/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

**UMA história de silêncios:** a banalização do nazismo em cidades do interior de Santa Catarina. Direção e produção: Clara Spessatto, Ísis Leites e Júlia Matos. Brasil: Instituto

Vladimir Herzog. 26 out. 2023. 15min33s. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=opJSmR-yxfA>. Acesso em: 27 jul. 2024.

## Referências bibliográficas

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Os Anacronautas do teutonismo virtual:** Uma etnografia do neonazismo na internet. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical?** O partido nazista no Brasil. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GERTZ, René E. Influência política alemã no Brasil na década de 1930. **EIAL:** Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe, Tel Aviv, vol. 7, nº. 1, pp. 85-105, 1996.

LOPES, Wallace Alan Blois. **Análise do Crescimento de Grupos Neonazistas no Brasil.** Monografia (Graduação em Bacharelado em Direito) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

MARINI, Bruno; MARINI, Joyce Ferreira de Melo; LIMA, Sergio Monteiro de. Os limites da liberdade de expressão no contexto da negação do holocausto e da apologia ao nazismo. **Revista de Direito Magis**, Betim, vol. 2, nº 1, p. 183-214, 2023.

PINTO, Júlio César Aranha Serra. **O movimento da supremacia masculina e propagação de ódio nas redes:** um ensaio sobre a cultura incel. Monografia (Graduação em Bacharelado em Direito) – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco. São Luís, 2024.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. In: **XVII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, nº 17, 1993, Caxambu.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização:representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **Métis:** história e cultura, Caxias do Sul, vol. 11, nº 22, 2012, p. 13-29.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. As Idéias Eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, vol. 6, nº 11, 2012.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D. (orgs.) **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p. 364-430.

ZANELATTO, João Henrique. O Nazismo e o Integralismo em Santa Catarina. In: **XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**, nº 26, 2011, São Paulo. Disponível em:

[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856591\\_e523782406745d330fc5de33b2b32bec.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856591_e523782406745d330fc5de33b2b32bec.pdf). Acesso em: 28 jul. 2024.